

## ***O Setubalense*, espaço de memória e cultura**

**«Quando a imprensa não fala, quem não fala é o povo. Não se cala a imprensa. Cala-se o povo»**

William Blake, (1757-1827), poeta e pintor inglês

*O Setubalense* foi fundado em 1855. Estamos perante um dos jornais mais antigos do mundo.

No início do século XIX, William Blake referia-se à importância da imprensa da forma que acima se transcreveu, identificando a sua voz com a voz do povo.

Napoleão Bonaparte apontará, de forma semelhante, o valor dos jornais: «Jornais hostis são mais temíveis que cem mil baionetas».

Michel Foucault classificará a imprensa como «a invenção fundamental do século XIX».

O século XIX surgiria, assim, como o momento em que a indústria dos jornais vê a luz do dia, com a utilização de tecnologias que permitiram a produção e comercialização das edições. O ideário deste jornalismo inicial não é muito diferente daquele que ainda hoje os jornais afirmam seguir: a informação deve chegar ao público de forma rápida, verdadeira e independente.

Ao longo do tempo, os jornais impuseram-se. De forma determinada seguiram o seu caminho. Produtores e produto de uma era que aspirava chegar à modernidade, foram-se comprometendo com o seu tempo.

E alguns comprometeram-se não só com o seu tempo, mas também com a cidade que os tinha visto nascer. É o caso de *O Setubalense*.

Os jornais, desde o seu aparecimento até ao momento presente, venceram dificuldades, proibições, obstáculos, armadilhas que o poder, quando os não tinha como aliados, lhes foi pondo.

Foram «baionetas» e ombro amigo; viveram e narraram tragédias e deslumbramentos; lutaram pela notícia e levaram a notícia até ao seu público que

os aguardava, impaciente; publicaram factos e assuntos pouco importantes (os chamados *faits divers*) e os grandes acontecimentos que foram mudando o mundo; foram História e fizeram História.

Neles se pode encontrar as formas de viver que os povos foram conhecendo. Neles se pode recuperar a vida quotidiana, a mentalidade de cada época, o preconceito e a libertação do estereótipo. Por vezes, de forma frontal, outras vezes, nas entrelinhas, é possível vislumbrar, aquilatar o peso do tempo em cada página que se consulta.

Daí que a historiografia contemporânea atribua cada vez mais importância à imprensa enquanto fonte histórica de inigualável riqueza.

Inicialmente considerados como documentos de pouca valia por historiadores de sobrolho carregado, que apenas tinham em conta documentação «objetiva», «neutral», dita fidedigna, distanciada do próprio tempo a que dizia respeito, os jornais foram-se, sucessivamente, revelando como fonte e objeto da História.

A partir de meados do século XX, a nova historiografia tenta romper o coleto de forças que aquela conceção de análise de fontes lhe impunha. São propostas novas abordagens de análise crítica e novos objetos de estudo surgem na mesa do historiador. Os jornais ganharam relevância.

E, se é verdade que sobre os jornais nacionais a História passou a ter um outro olhar, também é verdade que com o reconhecimento crescente da História Local, até há tão pouco tempo ignorada ou desvalorizada pela Academia, os jornais locais viram a sua importância crescer enquanto «mina» de onde se extraem os «metais preciosos» da informação histórica.

A nova historiografia afirma hoje que retirar à História a perspetiva local é amputar a realidade, é empobrecer o conhecimento histórico.

Utilizando um exemplo, para que melhor se entenda a importância da História Local para o conhecimento global de determinado acontecimento ou era histórica, o estudo da implantação da República ficaria incompleto se não se soubesse que, em Setúbal, a República foi proclamada ainda no dia 4 de outubro.

Há descrições daquela data que nos fazem entender como o sentimento republicano estava arreigado na população setubalense.

Sabemos hoje, porque a História Local nos permite ter esse conhecimento, que naquele longínquo dia 4 de outubro de 1910, à porta do Centro Republicano, na rua das Esteiras, aguardava já uma multidão. Uma massa compacta de

gente pressionava a saída dos dirigentes republicanos locais. A sala do Centro Republicano ter-se-á esvaziado e os seus ocupantes, em conjunto com a multidão, terão saído para as ruas da cidade dando vivas à revolução e à República.

Ao chegar à Praça de Bocage, a multidão teria um único alvo: a esquadra da polícia que funcionava na Câmara Municipal. De dentro da esquadra são disparados tiros de revólver.

A esquadra é invadida e incendiada. Os polícias fogem.

Em pouco tempo, esta espécie de Bastilha setubalense deixava de existir. A cidade não esperou pelo telégrafo para lhe dar a notícia: a monarquia, em Setúbal, chegava ao fim. A cidade fazia a sua Revolução.

Será impossível não ver, negar, ou minorizar o peso da História Local no todo histórico do Portugal daqueles dias.

E, à medida que esse peso vai pesando, também a imprensa local aumenta a sua importância.

No que diz respeito ao jornal *O Setubalense*, podemos dizer que acompanhou, desde a sua formação, todo o devir histórico da cidade.

Mais do que um acompanhamento de circunstância, este jornal fez e foi a própria caminhada. Meteu as mãos na massa e fez o pão da notícia.

O seu aparecimento está desde logo ligado à disputa política no seio do rotativismo oligárquico. É o próprio fundador, João Carlos de Almeida Carvalho, que explica as circunstâncias em que ocorreu a sua génese. «Como me achava envolvido na política militante do partido denominado Regenerador, eu e alguns amigos resolvemos criar em Setúbal um periódico de que fui o principal redator e responsável. Comprámos uma tipografia, e o primeiro número de *O Setubalense* saiu em 1 de julho de 1855».

No período republicano, entusiasmou-se de novo com a Revolução, tomando partido nas disputas sociais e políticas; distanciou-se da I Grande Guerra e acabou desiludido com a intensa litigância política. Viu o advento da Ditadura Militar com benevolente expectativa, reprovou a censura e foi das primeiras vítimas da mão censória da Ditadura. Viu-se suspenso e o seu diretor foi preso.

Durante o longo período do Estado Novo, rendeu-se ao nacionalismo e foi, por vezes, defensor dos valores corporativistas e mesmo do fascismo militante.

Na Revolução de abril de 1974, desde os primeiros dias vibrou com a mudança política e, progressivamente, empunhou a narrativa da esquerda radical.

Em 25 de novembro de 1975 é ocupado pelos militares e, mais uma vez, viu suspensa a sua atividade. Regressou em 1981, teimoso, como que a provar e a tornar pública a sua já conhecida resiliência.

Em breve síntese, foi monárquico e republicano, esteve com o Estado Novo e saltou para a Revolução em abril, abraçando-a, incondicional e solidário. Abriu as páginas a protagonismos e foi ele próprio protagonista, tomando partido, comprometendo-se.

Desde a sua fundação, fechou e abriu as portas diversas vezes; foi ativo e febril, e foi suspenso e proibido; denunciou poderes e podres e acolitou situa-  
cionismos; narrou vidas e mortes, abriu os olhos quando a ordem era fechá-los, arriscou e perdeu, e também se calou para sobreviver. Foi espaço de cultura, tendo para o efeito páginas dedicadas à criação artística e à publicidade a en-  
contros levados a cabo na cidade e na região.

Mais do que um mero jornal de Setúbal, *O Setubalense* foi, muitas vezes, a própria voz da cidade. Estreitou-lhe os laços e deu-lhe identidade.

Nas inúmeras vicissitudes, circunstâncias e ocasiões há, porém, um traço que lhe define o percurso: a defesa intransigente dos interesses da cidade.

Ao longo de décadas, mais de um século e meio, *O Setubalense* afirmou-se sempre como força ativa dentro da comunidade sadina. Foi tido como «o seu jornal» por sucessivas gerações de gente que nasceu e viveu dentro deste espaço. Não é coisa pouca!

Neste tempo em que se pretende docilizar e amestrar a memória, ou seja, se pretende remetê-la à categoria de um fóssil para ser ostentado numa vitrina de museu, mais do que nunca compete à História recuperar o conhecimento do que fomos como forma de sabermos para onde pretendemos ir.

À História Local compete, assim, investir nessa procura, num combate permanente contra o silêncio pesado que desceu sobre o tempo que já foi, silêncio instalado à custa de um permanente bombardeamento sobre o presente que se vive, o presente a que o historiador britânico Eric Hobsbawm (1917-2012) chamou de «presente contínuo», instantâneo, superficial, efémero, a durar o tempo de um clique feito na tecla de um computador ou telemóvel.

Saber de onde viemos é, pois, uma tarefa de cidadania.

Daí que se saúde, com especial carinho, a iniciativa de lavrar em livro esta memória em torno da comemoração dos 165 anos d'*O Setubalense*.

O livro responde a um desafio lançado pelo seu Diretor, Francisco Alves Rito.

Para cumprirmos o desafio, recorremos ao apoio de um conjunto de investigadores do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que têm dedicado parte do seu labor à investigação da História Local. Pudemos, ainda, contar com a participação de vários outros investigadores que se têm especializado em estudar a História da cidade de Setúbal nos séculos XIX e XX, responsáveis por uma produção historiográfica de grande mérito.

A todos os 20 autores que tornaram possível este livro, agradecemos a participação, o empenho e, sobretudo, a qualidade do seu trabalho.

Ainda uma palavra de agradecimento para a participação de Viriato Soro-menho-Marques e de Francisco Abreu pelos seus testemunhos.

O Manuel Henrique Figueira desempenhou, ainda, um papel fundamental na atenta, exigente e ingrata tarefa da revisão dos textos (porque as gralhas, às vezes, persistem inexplicavelmente): na uniformização dos critérios de edição, na simplificação de um ou outro pormenor dos textos com vista à fluência da leitura, na caça às gralhas. O Carlos Mouro e o João Reis Ribeiro deram sugestões muito úteis e muito além da habitual revisão que os autores fazem aos seus textos depois de serem paginados.

Um agradecimento final à direção d'*O Setubalense* e, em especial, ao seu diretor, Francisco Alves Rito, pela forma como impulsionou, apoiou e acarinhou este projeto editorial.

Esta obra coletiva que agora se dá à estampa integra seis capítulos:

- No primeiro, problematiza-se a importância de *O Setubalense* como espaço de memória e cultura; sublinha-se a importância que tem enquanto recurso histórico; finalmente, o capítulo conta com uma breve história do jornal.

- No segundo, dedicado aos temas locais, seleccionámos mais de cinco dezenas de temas que, desde a fundação do jornal, foram tratados nas suas páginas, seguindo uma ordem cronológica. Os autores, partindo da informação d'*O Setubalense* e de outras fontes relevantes, enquadraram e sintetizaram esses acontecimentos.

- No terceiro capítulo, arriscámos a difícil tarefa de seleccionar, igualmente, mais de cinco dezenas de figuras históricas setubalenses que se destacaram nas várias áreas de intervenção humana (na história da cidade, algumas no

próprio *O Setubalense*): enfim, que contribuíram para a identidade de Setúbal. Esta seleção, como qualquer seleção, deixa sempre de fora muitas outras figuras que também poderiam aqui ter tido lugar. Mas esse é o eterno dilema das seleções: incluir e excluir. Pedindo-lhes, desde já, desculpa, aos excluídos, mas também aos leitores, sempre se dirá que uma obra deste tipo tem limitações.

– No quarto capítulo, selecionámos algumas das principais páginas culturais que *O Setubalense* albergou ao longo da sua existência.

– No capítulo seguinte, escolhemos um conjunto alargado de temas nacionais e internacionais que foram objeto de análise no jornal.

Por fim, no capítulo sobre as vivências do quotidiano, os autores do livro foram desafiados a escolher n' *O Setubalense* pequenos factos e assuntos pouco importantes (os chamados *faits divers*), notícias que, pela sua originalidade, estranheza ou curiosidade que despertam no leitor fizesse sentido serem divulgadas. Porque essas notícias, muitas vezes, contêm em si muito mais importância que que aparentam, pois podem dar-nos verdadeiros retratos sociais de cada época: dos valores predominantes; das relações interpessoais; dos hábitos e costumes mais comuns, etc.

Ainda que dividido nestes seis capítulos, o livro propôs-se ser uma obra de abordagem global e de síntese da vida do mais antigo jornal da cidade.

Não se pretende, contudo, que fique por aí. Mais do que homenagear o jornal, entende-se que este livro deverá chegar às escolas, servindo como suporte pedagógico, como um recurso a utilizar pelos alunos por forma a que possam problematizar a cidade em que vivem, não apenas nas aulas de História, mas também nas várias disciplinas de Ciências Sociais.

Acabo a fazer, de novo, enquanto historiador, uma jura de amor à História Local. Porque ela integra a parte fundamental do património cultural de um povo. Tem um papel decisivo na promoção de valores e saberes que recebemos das gerações anteriores e que devemos transmitir às gerações futuras.

E nessa História de Setúbal que todos os dias vamos construindo, *O Setubalense* está lá, por direito próprio, enquanto fonte inesgotável de informação.

**Albérico Afonso Costa**

Setúbal, fevereiro de 2020